

**O CORO DOS DESCONTENTES: O ATO DE CONTESTAR E
RESISTIR NA DITADURA MILITAR ARGENTINA**

**Bruno Cordeiro Nojosa de Freitas
Francisco Iderlan Meneses de Souza**

RESUMO

Dizendo respeito ao período da ditadura militar na Argentina, este artigo se baseia especialmente em fontes escritas da época, disponibilizadas na Internet, e material bibliográfico. Examinamos aqui a resistência de algumas associações contestatórias, mas levamos em conta também as ações internas do próprio governo. Os principais grupos analisados são os Montoneros, como signo da luta revolucionária, e as Mães da Plaza de Mayo, membros de uma sociedade que se mobiliza de forma tardia, mas efetiva. Além de incidir a pesquisa na ditadura militar, é feita uma análise dos contextos em que se desenrolam as ações desses grupos. Como problema, procuramos compreender em que medida as ações de resistência e contestação foram importantes e decisivas para o enfraquecimento do regime.

Palavras-chave: Argentina; Ditadura Militar; Sociedade; Resistências.

INTRODUÇÃO: O CONTEXTO DA TOMADA DE PODER

*eis que esse anjo me disse
apertando minha mão
com um sorriso entre dentes
vai, bicho, desafinar
o coro dos contentes*
Torquato Neto

A Argentina da década de 1970 encontrava-se em grande instabilidade política. Com o retorno de Juan Domingo Perón do exílio em 20 de junho de 1973, via-se por parte

de alguns segmentos populares a volta dos “bons tempos” para o país. Com a renúncia do presidente Héctor José Cámpora no mesmo ano em que Perón retornava à terra natal, foram convocadas e realizadas eleições para setembro do mesmo ano, sendo a chapa Perón-Perón (tendo como vice sua esposa Isabelita Perón), vitoriosa com 62% da adesão dos eleitores. Perón, no poder, tentou realizar alianças e buscou apoio político de alguns setores. Conseguiu em parte. Porém, sua presidência foi breve. Já em 1º de julho de 1974, Perón morreu e Isabel assumiu a presidência da Argentina. Em 1975, o país continua com sérios problemas econômicos e sociais. A Confederação Geral Trabalhista negociava um aumento digno para os vários sindicatos. Nesse mesmo ano assumia o cargo de ministro da Economia Celestino Rodrigo, que agravou a frágil situação econômica da Argentina, gerando uma das maiores crises econômicas do país, denominada “rodrigazo”. Assim, o país viu uma inflação que acelerava a cada dia, e o rodrigazo dizimara o aumento de 40% que os sindicatos haviam tido naquele ano.

A presidenta Isabel acabou por romper algumas das alianças que Perón tinha construído com certo esforço, tendo, assim, por base de sustentação, apenas os aliados incondicionais, que eram poucos. A oposição, no entanto, articulava-se de forma considerável. Entre os grandes opositores estava o general Jorge Rafael Videla, nomeado pela própria presidenta como novo comandante-chefe do exército, que além de recusar apoio à sucessão de Perón por Isabelita, impunha prazos para o final da crise política e econômica que culminara no rodrigazo¹. Além de Videla, os comandantes da marinha e da aeronáutica também se posicionavam em contradição a Isabelita. Dessa maneira, a oposição estava bem organizada mesmo no interior das forças políticas oficiais, prejudicando de sobremaneira a governabilidade presidencial.

Em 24 de março de 1976, Isabel foi destituída da presidência e presa pelos comandantes militares. Como grande parte da população argentina, já há algum tempo sofria com as crises econômicas, políticas e sociais, recebeu-se a notícia do golpe com certa tranquilidade e esperanças de melhorias perante a situação vigente. Nessa fatídica data para a história da Argentina, as forças armadas do país tomaram o poder executivo e tentaram se justificar com a seguinte proclamação, assinada por Jorge Rafael Videla, Comandante Gal.

do Exército; Emilio Eduardo Massera, Comandante Gal. da Marinha e Orlando Ramón Agosti, Comandante Gal. da Força Aérea:

Agotadas todas las instancias de mecanismo constitucionales, superada la posibilidad de rectificaciones dentro del marco de las instituciones y demostrada en forma irrefutable la imposibilidad de la recuperación del proceso por las vías naturales, llega a su término una situación que agravia a la Nación y compromete su futuro. Nuestro pueblo ha sufrido una nueva frustración. Frente a un tremendo vacío de poder, capaz de sumirnos en la disolución y la anarquía, a la falta de capacidad de convocatoria que ha demostrado el gobierno nacional, a las reiteradas y sucesivas contradicciones demostradas en las medidas de toda índole, a la falta de una estrategia global que, conducida por el poder político, enfrentara a la subversión, a la carencia de soluciones para el país, cuya resultante ha sido el incremento permanente de todos los exterminios, a la ausencia total de los ejemplos éticos y morales que deben dar quienes ejercen la conducción del Estado, a la manifiesta irresponsabilidad en el manejo de la economía que ocasionara el agotamiento del aparato productivo, a la especulación y corrupción generalizadas, todo lo cual se traduce en una irreparable pérdida del sentido de grandeza y de fe, las Fuerzas Armadas, en cumplimiento de una obligación irrenunciable, han asumido la conducción del Estado. Una obligación que surge de serenas meditaciones sobre las consecuencias irreparables que podía tener sobre el destino de la Nación, una actitud distinta a la adoptada.²

Com esse discurso, instala-se o período mais negro da história da Argentina. O general do exército, Jorge Rafael Videla, foi nomeado presidente pela Junta de Comandantes. Contudo, Videla permaneceria com o Comando do Exército até meados de 1978.

Eduardo Galeano nos mostra que os diversos governos militares que surgiam em praticamente toda a América Latina durante o século XX, salvo poucas exceções, no final das contas acabaram por representar interesses estrangeiros e, por isso, duraram um longo tempo.³ No caso da Argentina, o governo militar prontamente identificou-se com Washington, recebendo seu apoio e concedendo abertura comercial, como veremos a seguir. Tentaremos, pois, mostrar neste trabalho como a sociedade argentina se impôs contra a ditadura militar, apesar de um período de letargia e aceitação - período

provavelmente motivado mais pela dura repressão do Estado do que pela simples adesão às idéias golpistas. Ou seja, buscaremos as resistências mais notórias da sociedade e diversas de suas características. Outro aspecto de análise será a contribuição interna dos grupos centrais⁴ para a derrocada do regime. Entre essas contribuições, destaca-se a falta de homogeneidade na administração do Estado, como também um derradeiro desastre nas relações internacionais que ofereciam muito de sua sustentação.

PERSEGUIÇÃO POLÍTICA E IDEOLÓGICA: DESARRAIGAMENTO

“O poder legítimo não tem necessidade da força para se fazer obedecer”.⁵ Esse não era o caso do regime que se instalara na Argentina através do golpe de 34 de março de 1976. Na verdade, a natureza do regime exercido pela Junta Militar Argentina foi um exemplo claro de “Poder-mão-fechada”, no que Boff explica:

É o poder autoritário, concentrado numa única mão, fechada, por isso não participativo e excludente. Coloca sob censura opiniões divergentes, pune contestações, desconfia dos cidadãos, governa impondo o medo.⁶

E esse combate às opiniões divergentes se iniciou com o argumento da Reorganização Nacional. Desse modo, as Forças Armadas empreenderam uma caça a qualquer opositor, chamados de subversivos e apátridas, uma vez que a intervenção militar tinha supostamente “el propósito de terminar con el desgobierno, la corrupción y el flagelo subversivo”,⁷ mas também se dirigia aos amigos e amigos-dos-amigos, além de parentes desses opositores. Caracterizava-se, assim, um verdadeiro terrorismo de Estado. O governo militar montou ações sistemáticas de repressão, que logo alcançaram um alto grau de complexidade e organização. Romero nos coloca que a ação terrorista do Estado tinha quatro momentos principais: seqüestro, tortura, prisão e execução.⁸ É importante também mencionar que por toda Argentina foram criados aproximadamente 340 centros clandestinos de detenção, o que dá uma mostra da dimensão desse tipo de operação. Sem se ater exatamente às inúmeras atrocidades cometidas nas salas de tortura, é notório o pavor da sociedade argentina frente à política repressiva desse regime. No imaginário popular, surgia a figura dos “desaparecidos”, indivíduos que eram seqüestrados no trabalho, em

casa, na rua, e nunca mais vistos. Muitos desses chegavam ao quarto momento citado por Romero. Os registros divulgados por órgãos dos direitos humanos dizem que ultrapassa 30.000 o número de desaparecidos no macabro contexto do governo militar.

Não obstante, esse pavor causado durante o governo de Videla não fora exatamente despropositado. Fazia crescer as denúncias e inibia a oposição. O exílio de intelectuais e opositores, mesmo voluntário em alguns casos, foi prática comum à época. Foi nesse ambiente que as resistências populares se organizaram e entraram em ação. Destacamos, entre as oposições, a ação exercida pelos Montoneros e pelas Mães da Plaza de Mayo.

MONTONEROS

Entre 1960 e 1970, surgiram na América Latina várias organizações guerrilheiras. Os Montoneros tinham como inspiração a experiência cubana e a ação de Che Guevara na Bolívia. Entretanto, devido ao caráter autoritário do regime pelo qual a Argentina passava, a idéia da necessidade de solução armada, para que oposição pudesse empreender uma ação mais efetiva, fez com que várias organizações desse tipo fossem fundadas. Entre essas organizações estavam os Montoneros, surgidos por volta de 1970. Esses, segundo, surgiram a partir do integrismo católico e nacionalista, que se tornou peronista.⁹ Esse é um exemplo de grupo político que não se calou diante do golpe, e seu fim também é ilustrativo da ação do Estado com diversos outros grupos. Os Montoneros foram um dos segmentos sociais mais perseguidos por Videla e a Junta Militar. Richard Gillespie coloca que eles, até agosto de 1978, já tinham sofrido 4.500 baixas.¹⁰

Os Montoneros tiveram uma resistência notável contra o domínio militar, pois sua oposição não foi apenas interna, mas externa no que se refere ao território argentino. Contudo, era muito difícil para os Montoneros exercer uma resistência interna, haja vista que boa parte do seu efetivo tinha sido aniquilado. Podemos ter idéia da dificuldade geral encontrada pelas resistências argentinas também pelo fato de que, sob o regime militar, a imprensa e as notícias haveriam de passar pelo crivo da censura e eram freqüentemente distorcidas. Com custo operavam ações terroristas, e poucas vezes essas operações

convertiam-se em dano real aos militares. No mais, “... houve alguns assassinatos de grande repercussão, como o do chefe da polícia federal, desvinculados da prática política...”¹¹

Para sobreviverem ao extermínio, os Montoneros estabeleceram, por volta de 1977, suas lideranças em Roma. A resistência externa se deu através da voz dissonante, especialmente dos intelectuais encontrados em suas fileiras. Essas vozes vindas de fora se posicionavam “na defesa dos membros de sua condução nacional e na denúncia das arbitrariedades cometidas pelo governo militar, inclusive, por meio de publicações próprias, como *Evita Montonera*”.¹² As denúncias se convertiam na principal arma contra o regime. Contudo, o preço para o uso das denúncias feitas nessas publicações era muito alto. Tratava-se do exílio. Tanto na Argentina, quanto em outros países que sofreram a ação de regimes militares, é possível observar o exílio como um lugar alternativo de resistência e elemento de coesão entre opositores comuns. No exílio, as formas de manifestação contra o regime variavam desde cartas e periódicos, até músicas e poemas:

Me mandaron una carta,
por el correo templano,
y en esta carta me dice,
que cayó preso mi hermano,
así lo tema con grillos,
por las calles lo arrastraron, si.
(...)
Yo que me encuentro tán lejo,
esperando la noticia,
me viene decir en la carta,
que en mi patria no hay justicia,
los hambrientos piden el pan,
no molejan a la milicia, si.

Esta manera pomposa,
quieren consiervar su aciento,
los de abanicos y de flaque,
si tener merecimiento,
van y volver a la iglesia,

y olvidan los mandamientos, si.
(...)
Por suerte tengo guitarra,
para llorar mí dolor,
también tengo nueve hermanos,
fuera de él que se engrilló,
todos son comunistas,
con el favor de mí Dios, si.

(La Carta. Violeta Parra y sus canciones reencontradas en París, 1971).¹³

De acordo com Munhoz, os militares contra-atacaram as denúncias e outras manifestações contrárias com a adoção das práticas de manipulação da mídia, contratando empresas publicitárias e financiando jornalistas simpatizantes do regime, como também com a censura visando a garantir o discurso oficial.¹⁴ O exílio, contudo, não era garantia plena da segurança dos opositores. A oposição Montonera incomodou tanto que alguns integrantes exilados no México foram perseguidos pela elite hierárquica das Forças Armadas com a chamada Operação México.¹⁵ Isso nos mostra, além da dura perseguição na Argentina, que havia comunicação importante entre as nações sob domínio militar. Ora, não apenas os revolucionários eram capazes de se articular entre si, independente da nacionalidade. Os governos autoritários também promoveram uma ampla conexão de ajuda mútua. É justamente nessa natureza de alianças que confiará o governo argentino já enfraquecido pela dureza da doutrina econômica adotada pelo ministro Martinez de Hoz.

ENFRAQUECIMENTO INTERNO

As guerrilhas e as resistências organizadas, como os Motoneros, pouco puderam no sentido de fazer frente à complexa organização operacional das forças armadas. Mas veremos adiante que a união das diversas vozes dissonantes será essencial para que o governo militar argentino seja derruído. Nesse sentido, houve também um movimento interno dos grupos de poder argentinos que exerceu papel fundamental para que se desse seu próprio fim.

No que diz respeito ao enfraquecimento político, observamos que não somente as atrocidades cometidas pelos militares contribuíram para o descontentamento popular. Igualmente, a postura econômica conduzida nos cinco primeiros anos da presidência de Videla pelo ministro da Economia Jose Alfredo Martínez de Hoz beneficiou poucos argentinos. Na verdade, a intenção inicial dessa postura econômica era trazer a estabilidade política a qualquer custo, mesmo que esse custo fosse o endividamento externo e o fim do crescimento econômico do país. Para possibilitar o comando único e estreito da economia de acordo com os objetivos específicos do governo, Hoz promoveu uma situação de instabilidade econômica permanente. Tudo indica que esses objetivos eram “a abertura econômica e a progressiva eliminação dos mecanismos clássicos de proteção à produção local”.¹⁶ A abertura econômica atendia aos interesses norte-americanos, grandes aliados da administração militar. Com um discurso de desenvolvimento, Hoz comandava uma valorização cambial, que na verdade abria as portas para importações. Com uma moeda mais forte do que era conveniente, as exportações argentinas ficaram comprometidas e dependentes especialmente dos próprios EUA. Diversas empresas, bancos e indústrias argentinos sofreram com essa política cambial. “Quando a bolha financeira estourou, ficou claro que a principal consequência da transformação brutal tinha sido, junto à dívida externa, uma forte concentração econômica”.¹⁷

No início da década de 1980, a situação política da Argentina era catastrófica. Os militares compunham praticamente os únicos grupos dominantes e havia se instalado um Estado de duas faces. Havia o Estado institucional, que se apresentava, mas também o Estado terrorista clandestino, que exercia as funções fundamentais de controle da oposição. Mas isso não quer dizer que a hegemonia do escalão mais alto desse comando fosse absoluta. Mesmo detendo a chefia do estado em relação sucessiva, o grupo composto por Videla e Viola sofriam dura oposição. Aqui se situa um aspecto de importância ímpar para a derrocada do regime. Segundo Romero, havia três facções principais dentro das forças armadas; a facção mais poderosa era realmente a formada pelos generais Videla e Viola, do exército. Havia também a facção mais associada à ação repressiva, da qual faziam parte os generais Menéndez e J. Camps. Uma terceira facção, que chegava a fazer frente à de Videla e Viola, envolvia a marinha de guerra, comandada pelo almirante Emílio Massera.

Se no tocante à coordenação para o extermínio e combate de opositores era bem elaborada, o mesmo não se pode dizer da relação entre as facções citadas. Os diferentes pontos de vista dificultavam de forma decisiva o andamento político especialmente em épocas de sucessão, em que os grupos buscavam se impor. Mostra disso foi a posse do general Leopoldo Fortunato Galtieri. O general foi particularmente hábil em alinhar-se cada vez mais ao lado dos EUA, buscando aí muito de sua legitimidade depois da deposição de Viola. Quando assumiu o governo, porém, as oposições argentinas já estavam acesas e haviam ganhado corpo. Empresários, sindicalistas, partidos políticos, a igreja (que havia apoiado o golpe) e outros setores da sociedade constituíam, juntas, uma grande oposição ao governo militar. Nesse preâmbulo, configurou-se o plano de invasão das Ilhas Malvinas, ocupadas pela Grã-Bretanha desde 1833 e até então sendo questão não resolvida.

Galtieri esperava que seus aliados norte-americanos apoiassem a iniciativa argentina e que a resistência da Grã-Bretanha não fosse além de exigências. A Argentina participava desde 1947 do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), que teoricamente conferia o apoio mútuo das nações que haviam assinado o tratado. Além da aproximação com os EUA, o TIAR também forneceria o apoio norte-americano. Não foi o que ocorreu. Perante a ocupação das Ilhas Malvinas, a Grã-Bretanha, sob a liderança conservadora de Margaret Thatcher, impôs dura represália, iniciando a Guerra das Malvinas. O apoio norte-americano não foi além de uma tentativa de mediação. No fim das contas, só havia para Galtieri a saída da derrota justa, visto que a rendição significava verdadeira humilhação para o general. Com isso, o apoio que havia sido dado a Galtieri, devido ao sucesso da primeira etapa da ocupação, se tornou contestação ferrenha.

LAS MADRES

As Mães da Plaza de Mayo, chamadas, pelos setores reacionários, de loucas desde o início de suas manifestações semanais, ganhavam cada vez mais voz, num recurso incontestável à cultura latina: o direito da maternidade.¹⁸ Constituindo a figura que mais sobressaiu dentro desse coro de descontentes, as mães de Mayo conseguiram trazer a atenção internacional, já observante pela Guerra das Malvinas, para as diversas violações dos direitos humanos cometidas pelas autoridades argentinas.

Se a ação das guerrilhas se mostrou pouco eficiente em causar danos efetivos ao regime militar, a perspectiva diferenciada das manifestações das mães foi profícua e oportuna (pelo momento de crise do regime). De certa maneira, as mães de Mayo conseguiram agregar o descontentamento e a decepção de grande parte da sociedade com o regime dos comandantes militares. O apelo feito ao direito materno, além de cultural, também era visto de forma sagrada pelas camadas religiosas da população. Nesse momento a própria Igreja Católica, que havia apoiado a empresa golpista no primeiro momento, também se posicionou em favor dessa maioria da população, conferindo apoio às manifestações semanais na Plaza de Mayo. Essas manifestações semanais não contavam apenas com a presença de mães e avós, senão com militantes políticos, jovens e movimentos sindicais. Os “desaparecidos” deixavam de ser um fantasma para a população e passavam a atormentar o governo na figura de suas mães. Poeticamente, a oposição exercida pelos seus filhos continuava nelas mesmas de uma maneira comovente à grande maioria da população:

“(…)las Madres lo entendimos, porque los hijos que nos quedaron por suerte en nuestras casas, algunos, nos enseñaron a disfrutar de la música y de la vida, a pesar de la muerte.

¡Vencimos a la muerte, queridos hijos! ¡Esto es vida pura! ¡Vencimos al verdugo!
¡Queridos hijos, esto es vida pura! Gracias a los compañeros que vinieron de Europa, a la caravana, a los compañeros que vinieron de todo el país, para ayudarnos.

“¡Hasta la victoria siempre, queridos hijos!”, es una consigna verdadera”.¹⁹

O papel da Igreja em solidariedade ao apelo das mães de Mayo foi ainda fundamental como instituição internacional. Muitos eclesiásticos dentro e fora da Argentina também teceram críticas nesse período, como vemos em Leonardo Boff.²⁰ De fato, a ditadura recebera forte pressão por todos os lados. As passeatas que traziam as fotos dos filhos e netos desaparecidos atraíam atenção do restante do mundo. Órgãos de defesa dos direitos humanos se manifestaram exigindo explicações e apuração sobre o real paradeiro dessas pessoas. Ainda hoje esses órgãos, como o Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH) buscam esclarecimento e punição sobre as obras do governo no

período. Levando em conta que até hoje as manifestações das mães também permanecem, torna-se difícil dizer se elas atingiram ou não todos os seus objetivos. Não obstante, elas foram decisivas para a derrocada do regime e podemos afirmar que o não-esquecimento é a marca fundamental dessa resistência.

CONCLUSÃO

Dentro desta breve análise das resistências ao regime militar argentino que, de alguma forma, foram importantes para seu fim, tentamos descobrir os indivíduos envolvidos diretamente na contestação do poder instituído. O que achamos não foram apenas grupos específicos ou organizados que visaram ao fim do regime. Encontramos também uma ampla camada da sociedade sufocada - que dizia respeito em maior medida às classes oprimidas economicamente mesmo antes de Videla - sofrendo um desarraigamento forçado da sua experiência política. Nesse sentido, as perseguições políticas não tinham a serventia única da eliminação de opositores. Eram os vivos e “aparecidos” que sofriam perante o terror instalado às custas dos desaparecidos. No que diz respeito ao enfraquecimento do regime, identificamos as mães de Mayo não apenas como um exemplo de grupo engajado, mas também um elemento que uniu as manifestações de toda a sociedade ainda débil pela perseguição em massa. A Plaza de Mayo, localizada de forma central entre a Casa Rosada, Ministério da Economia, o Cabildo histórico e ainda uma zona de bancos, converteu-se em um local de mobilização social. Mas também diversos outros setores da sociedade argentina ousaram expor sua voz. A oposição feita pela Igreja no final do regime militar mostrou que nem mesmo seus aliados iniciais estavam dispostos a levar adiante um governo que, até onde se via, só oferecia pesar à grande maioria dos argentinos. De fora, a voz dissonante também soava, e mais alta do que podia suportar o governo militar. Os órgãos de defesa dos direitos humanos, tendo chamada a sua atenção pelo comportamento atroz e pela incoerência dos desaparecimentos, requeriam investigações contra o governo golpista. Os sindicatos, antes desmobilizados pelo regime, iniciavam agora um movimento realmente contestatório. Com a desorganização dentro do próprio governo (que havia demonstrado intensa organização na ação golpista e na perseguição), essas dificuldades unidas não puderam ser superadas. Assim, através do movimento de forças diversas, igualmente profundas, a ditadura militar argentina sofreu sua derrocada.

NOTAS

¹ ROMERO, Luis Alberto. *História Contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro - RJ: Jorge Zahar Ed., 2006. Tradução: Edmundo Barreiros.

² In: www.nuncamas.org

³ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro - RJ: Paz e Terra, 1998. Tradução: Galeno de Freitas.

⁴ ELIAS, Norbert, 1897-1990. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte* / Norbert Elias; tradução, Pedro Süsskind; prefácio, Roger Chartier. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

⁵ WEFFORT, Francisco (org.). *Os Clássicos da Política*. São Paulo - SP: Ática, 1991.

⁶ BOFF, Leonardo. *Do exercício do poder*, in JB, 6/02/04.

⁷ In: www.nuncamas.org

⁸ ROMERO, Luis Alberto. *Op. Cit.*

⁹ Idem.

¹⁰ Gillespie, Richard. *Soldados de Perón: Los Montoneros*. Buenos Aires: Grijalbo, 1998.

¹¹ ROMERO, Luis Alberto. *Op. Cit.* p. 199

¹² MUNHOZ, Solange Chagas do N. *Resistência Desarraigada: o exílio em Recuerdo de la muerte*. In: www.lle.cce.ufsc.br

¹³ Apesar de seu suicídio em 1967, a chilena Violeta Parra é exemplo significativo da forte manifestação desempenhada mesmo no exílio. Além do mais, viveu na Argentina e influenciou artistas que protestaram contra o regime militar argentino, como Mercedes Sosa, que lhe prestou homenagens em regravações e interpretações de suas músicas.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ ROMERO, Luis Alberto. *Op. Cit.*

¹⁷ Idem.

¹⁸ PINSKY, Jaime (org.). *História da América Através de Textos*. 5ª edição. São Paulo - SP: Contexto, 1994.

¹⁹ In: <http://www.madres.org/asp/contenido.asp?clave=2255>

²⁰ BOFF, Leonardo. Teoria e práxis. *Os direitos Humanos ao interno da igreja*. REB 37, 143-159.